

A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO NAS TRAGÉDIAS DE EURÍPIDES E SÓFOCLES: MEDEIA E AS TRAQUÍNIAS

DARCYLENE PEREIRA DOMINGUES¹; FÁBIO CERQUEIRA VERGARA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – darcylenedomingues@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho utiliza como fonte histórica duas tragédias gregas atenienses do século V a.C., analisando-as a partir da perspectiva de gênero. As obras selecionadas são *Medeia*, de Eurípides, encenada em 431 a.C., às vésperas da Guerra do Peloponeso, e *As Traquínias*, de Sófocles, de 430 a.C. É relevante notar que ambas foram apresentadas em um período de intensa agitação política em Atenas, devido ao conflito com Esparta (Moerbeck, 2013). Além disso, apresentam personagens femininas casadas, maduras, mães e preteridas por seus maridos.

Um ponto crucial sobre *Medeia* e Dejanira reside em sua construção mítica. *Medeia*, princesa bárbara da Ásia Menor, apaixona-se por Jasão, o herói argonauta, durante a busca pelo velocino de ouro na Cólquida. Eles fogem após Jasão usurpar a relíquia com o auxílio dos conhecimentos mágicos de *Medeia*, sacerdotisa de Hécate. Dejanira, por sua vez, princesa do reino de Cálidon, foi disputada pelas figuras míticas do rio Aqueloo e Héracles. Após a vitória de Héracles, durante uma travessia de rio, Dejanira sofre uma tentativa de abuso por parte do centauro Nesso, sendo salva pelo herói com uma flecha envenenada.

Apesar de suas origens distintas, tanto *Medeia* quanto Dejanira, após gerarem filhos homens e viverem socialmente conforme a norma grega, são preteridas por mulheres mais jovens. Jasão, em *Medeia*, aceita uma aliança futura com Creonte, que implica seu casamento com Glauce, princesa de Corinto. Já Héracles, em *As Traquínias*, tomado por Eros, destrói uma cidade para capturar Iole e levá-la para Tráquis. Assim, o tempo pesa sobre as personagens, mas de maneira diversa, refletindo a autoria singular de Eurípides e Sófocles.

Nossa interpretação sobre o papel da tragédia na sociedade grega ateniense clássica fundamenta-se na historiografia francesa, especialmente na chamada Escola de Paris, com autores como Jean-Pierre Vernant (1984, 2005), Pierre Vidal-Naquet (2005) e Jacqueline de Romilly (2008). Para esses autores, a tragédia desempenhava um papel pedagógico e religioso no universo grego. Por essa razão, certos temas ganhavam destaque nas performances e eram bem recebidos pelo público, um fato justificado pelo aparato estatal envolvido em sua manutenção.

Nessa lógica social, a tragédia tornava-se um elemento central na construção do cidadão, pois era encenada, escrita e financiada por cidadãos. Principalmente, ela efetivava o espetáculo no interior da *pólis* ao abordar

questões contemporâneas à sua convivência, como corroborado por Segal (1994, p. 193): a tragédia é um "espetáculo citadino".

Ao analisar esse processo de formação cívica, percebemos uma distinção muito específica entre o masculino e o feminino. Ao contrário das mulheres, os homens eram educados para a esfera pública, cujas atividades se realizavam a partir do exercício da palavra e, por isso, eram iniciados nessa prática por outros homens. O caso de Coriolano, um jovem criado apenas pela mãe, ilustra claramente essa problemática, pois "a *paideia* paterna teria conseguido o melhor de sua força de caráter e de sua energia" (Loroux, 1994, p. 21). Sob essa perspectiva, é possível observar, durante a performance, discursos que reforçam essa problemática social e de gênero entre homens e mulheres, bem como falas que podem ser consideradas transgressoras, como o monólogo de Medeia.

2. METODOLOGIA

A problemática inicial utiliza a abordagem metodológica, que se alicerça nas propostas de Jürgen Kocka sobre a História Comparada, conforme apresentadas em seu artigo "Comparison and Beyond" (2003). Kocka descreve o método como de execução simples, mas com vastas possibilidades. Nesse contexto, as escolhas do pesquisador são cruciais para a comparação, que se fundamenta nas semelhanças e diferenças entre os elementos a serem analisados. A preocupação central do pesquisador deve ser o que e como comparar. Segundo Kocka, a comparação não se estabelece pela continuidade ou influências mútuas entre fenômenos, mas sim pela análise de casos independentes que são reunidos para questionar suas similaridades e distinções.

As fontes selecionadas para este estudo pertencem ao mesmo universo cultural. Eurípides e Sófocles foram contemporâneos, embora suas criações autorais nas tragédias apresentem diferenças. O interesse reside na comparação personagem a personagem, especificamente entre Medeia e Dejanira. O objetivo é demonstrar ao leitor como, dentro do mesmo período histórico, os autores desenvolveram singularidades na construção dessas personagens femininas. Conforme Kocka (2003), a comparação histórica permite justamente esclarecer esses perfis únicos ou individuais, além de evidenciar semelhanças e diferenças em relação a outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme destacado, ambas as personagens, Medeia e Dejanira, são mulheres maduras, com casamentos estabelecidos, transcendendo a fase de *parthenos* (jovens) para se tornarem *gyne* (mulheres casadas). A temporalidade as afeta de maneiras distintas: Dejanira a percebe como um fardo, lamentando o declínio de sua beleza e recorrendo a um filtro mágico na tentativa de reaver o amor de Héracles. Medeia, em contraste, não se detém nessa temporalidade,

focando sua angústia em ser uma bárbara em solo grego e na falta de reconhecimento por sua contribuição nas conquistas de Jasão. Apesar de Dejanira encarnar o ideário feminino grego e Medeia representar o oposto, ambas veem seu direito como esposas negado. Isso revela que, no universo masculino, as duas carecem de garantias legítimas, pois seus maridos não estabelecem com elas uma relação de igualdade intelectual.

Acreditamos que o teatro, além de instruir sobre os papéis de gênero na sociedade grega antiga, também ecoa as tensões sociais. É crucial notar que, para os gregos, o feminino e o masculino estavam intrinsecamente ligados às distinções de homem e mulher, ou seja, gênero e sexo eram vistos como naturais. Assim, as mulheres eram associadas ao doméstico e à reprodução do corpo cívico, enquanto os homens pertenciam ao espaço público e político.

Ao observar a tragédia, percebe-se claramente a construção de um mundo onde homens e mulheres ocupam espaços distintos e hierarquicamente definidos, o que justifica uma análise a partir da perspectiva de gênero. Compreendemos a categoria de gênero como relevante pelas construções sociais historicamente determinadas para cada sexo. Como Joan Scott (1990, p. 86) aponta, "gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder", sendo, portanto, social e historicamente construído e representado. Dessa forma, o gênero se manifesta socialmente em um terreno, neste caso, as relações de parentesco marcadamente androcêntricas.

Nosso interesse neste trabalho é discutir os espaços de agência dessas mulheres, indo além de sua mera funcionalidade. Frequentemente, quando o feminino é relegado ao lar pelo masculino, presume-se que as mulheres são incapazes de certas ações por falta de experiência. Contudo, observamos que Medeia e Dejanira deliberam, uma de forma mais agressiva e a outra de maneira mais sutil. Ambas, porém, agem em resposta a uma ofensa iniciada pelo masculino.

Medeia age com um conhecimento prévio à sua origem e, ao longo da tragédia, articula situações que levam os homens a concretizarem seus desejos. Dejanira, por sua vez, atua em um domínio que não lhe é próprio, utilizando-se de algo mágico e excepcional.

4. CONCLUSÕES

Nossa intenção não é apenas demonstrar a função do feminino, mas sim o que determina essas funções: a lógica epistemológica e androcêntrica que posiciona os indivíduos em lugares e com papéis distintos. Afirmamos isso porque o convívio normativo é construído a partir dos interesses masculinos, que moldam essa vivência com regras e condições diversas, muitas vezes representadas na tragédia sob outra perspectiva.

A tragédia, enquanto recriação técnica textual, é uma linguagem que se situa entre e fora da realidade, uma artificialidade. Nosso interesse reside em compreender as diferenças dessas funções e suas valorações, onde reside o

gênero, assimétrico e estruturalmente organizador da cidade. Através da História Comparada, buscamos discutir e cotejar os modelos expressos nas personagens aqui apresentadas. Nosso foco é analisar dois textos autorais de trágicos distintos – Eurípides e Sófocles – que, apesar de estarem no mesmo contexto, abordam a visão de mulher de maneiras diversas. É justamente na semelhança e diferença entre as obras, bem como na intertextualidade, que fundamentamos nossa argumentação.

Desejamos analisar como os autores trágicos abordam um conflito central: o desinteresse dos homens por suas esposas, apresentando diferentes situações e escolhas para a ação das personagens. Trata-se de duas mulheres maduras e mães que veem o tempo chegar à porta de suas casas a partir do momento em que seus esposos desejam uma jovem. Em um caso, um homem destrói uma cidade para capturar uma cativa; no outro, cria novas relações para obter benefícios em Corinto. Assim, o tempo pesa sobre as personagens, mas de maneiras distintas, revelando a autoria singular de Eurípides e Sófocles.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOCKA, Jürgen. **Comparison and Beyond**. History and Theory, Berlin, v. 42, p. 39-44, 2003.

LORAU, Nicole. **Invenção de Atenas**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MOERBECK, Guilherme. **O pensamento de Eurípides e a política durante a Guerra do Peloponeso**. 2013. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1553.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega**. Tradução de Leonor Santa Bárbara. 2. ed. Lisboa: Editora 70, 2008.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em: 7 fev. 2014.

SEGAL, Charles. O ouvinte e o espectador. In: VERNANT, Jean-Pierre (Org.). **O homem grego**. Lisboa: Presença, 1994. p. 193.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. 4. ed. São Paulo: Difel, 1984.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.